

Defende Academia de Coimbra

CAMINHAR PARA O FUTURO SEM PERDER A TRADIÇÃO

«Que a Academia não perca as tradições que a individualizam e que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem», foi o pedido formulado pelo Reitor da Universidade de Coimbra, Rui Alarcão, nas Jornadas que decorreram na mesma cidade integrando o programa da Festa da Queima das Fitas, o qual se prolonga até amanhã.

A propósito do programa, refere-se que é hoje o Dia do Grelado e que a noite pertence à Faculdade de Letras com as seguintes atracções: a «Orchestra Pitagórica; Éna Pá 2000» e Mier il Dáda».

Voltando ainda às jornadas sobre Tradições Académicas e Canção de Coimbra, acrescenta-se que o Prof. Rui Alarcão opinou também sobre os festejos que estão a decorrer, no sentido de que se deve manter o seu esquema tradicional, «sem contudo se fecharem a inovações».

«Tradição e inovação não são antagónicas, havendo que articulá-las de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio», disse ainda, acrescentando que «a capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias, mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos».

Como exemplo de uma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuais, Rui Alarcão citou a canção de Coimbra, «que se mantém até pela capacidade de evolução, mesmo na qualidade das suas letras».

Ainda sobre o fado coimbrão, também o estudante João Granja frisou que um dos

objectivos da realização das Jornadas foi o de mobilizar todas as estruturas estudantis para a sua defesa, por se tratar de um valor cultural que os identifica em exclusivo».

Os Professores Aníbal de Castro, Alte da Veiga e Teixeira Santos tiveram intervenções no mesmo sentido, defendendo a vantagem de conciliar a tradição e a evolução «sem receio do sentido pejorativo que por vezes é dado às melhores palavras».

«A tradição torna veneráveis os elementos de cultura que se afirmaram como valores, e dela só se deve eliminar o que vá ficando desadaptado» — afirmou Aníbal de Castro.

É preciso, contudo, que as tradições se reviviquem «incorporando valores novos que, com esta dinâmica, se tornam também tradição» — disse o mesmo Professor.

Luis Alcoforado, da Comissão Organizadora das Jornadas, salientou que o longo período de 11 anos em que se não realizaram os festejos da Queima das Fitas foi «muito conativo» das tradições académicas.

Depois de 1978 «foi necessário retomar todos os valores tradicionais e, agora, estamos a fazer o ponto da situação situando os valores da Academia de Coimbra numa perspectiva actual» — explicou Luis Alcoforado.

Outro estudante, João Cunha, sublinhou tratar-se de uma questão de identidade da Academia, esta de trazer a debate as suas tradições.

Nessas tradições tem havido quebras

derivadas do que chamou «fenómenos de corrosão permanente».

A Canção de Coimbra

Os estudantes de Coimbra dos anos 60 «tiveram uma intervenção efectiva através do canto nos problemas estudantis» — salientou nestas jornadas António Portugal, Membro do Grupo de Guitarras de Coimbra e um dos mais conceituados nomes daquela forma de expressão.

«Hoje, pelo contrário, ouve-se um canto que não é deste tempo e que, nalguns casos, nem sequer procura ser-lo» — frisou ainda.

Colaborador íntimo de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, ligado à composição de temas como «Balada de Outono» e «Trova do Vento que Passa», António Portugal sustentou que «cada geração é sujeita do seu próprio destino», e questionou se «os estudantes de agora querem intervir através do canto».

«Não posso aceitar que os problemas dos actuais estudantes sejam o amor e a saudade características dos anos 20» — observou.

Considerou louvável o esforço da juventude no retomar de determinados valores que estiveram em perigo, «mas criando e projectando para o futuro» — precisou.

A segunda parte dos trabalhos destas Jornadas foi integralmente dedicada à Canção de Coimbra, com intervenções, entre outros, de Louza Henriques, António Portugal e José Miguel Baptista.

COMERCIO DO PORTO P19

Fados, pastas e batinas

COIMBRA DEBATE TRADIÇÕES ACADÉMICAS

O reitor da Universidade de Coimbra pediu à Academia que não perca tradições que a individualizam e que são invejadas e copiadas por centros universitários que as não possuem». Rui Alarcão, que falava na abertura de Jornadas sobre Tradições Académicas e Canção de Coimbra integradas na Queima das Fitas, disse que estes festejos devem manter o seu esquema tradicional «sem contudo se fecharem as inovações».

Tradição e inovação não são antagónicas, havendo que articulá-las de modo a obter um correcto ponto de equilíbrio, afirmou o reitor da universidade.

«A capa e batina, por exemplo, não são trajo que deva usar-se todos os dias mas ao qual se deverá recorrer nos momentos mais solenes ou festivos», considerou Rui Alarcão.

Como exemplo duma tradição que tem sabido ajustar-se aos tempos actuais citou a canção de Coimbra, «que se mantém até pela capacidade de evolução, mesmo na qualidade das suas letras».

Ainda sobre o fado coimbrão, o estudante João Granja frisou que um dos objectivos das jornadas é «mobilizar todas as estruturas estudantis para a sua defesa, por se tratar dum valor cultural que nos identifica em exclusivo».

Necessidade de conciliação

Os professores Aníbal de Castro, Alte da Veiga e Teixeira Santos tiveram intervenções no mesmo sentido, defendendo a vantagem de conciliar a tradição e a evolução «sem receio do sentido pejora-

tivo que por vezes é dado às melhores palavras».

«A tradição torna veneráveis os elementos de cultura que se afirmaram como valores e dela só se deve eliminar o que vá ficando desadaptado», afirmou Aníbal de Castro.

É preciso, contudo, que as tradições se reviviquem «incorporando valores novos que, com esta dinâmica, se tornam também tradição», disse o mesmo professor.

Luis Alcoforado, da comissão organizadora das jornadas, salientou que o longo interregno de 11 anos em que se não realizaram os festejos da queima das fitas foi «muito corrosivo» das tradições académicas.

Depois de 1978, «foi necessário retomar todos os valores tradicionais e agora estamos a fazer o ponto da situação situando os valores da academia de Coimbra numa perspectiva actual», explicou Luis Alcoforado.

Outro estudante, João Cu-

nha, sublinhou tratar-se de uma questão de identidade da academia esta de trazer a debate as suas tradições.

Nessas tradições tem havido quebras derivadas do que chamou «fenómenos de corrosão permanente».

Intervenção pelo canto

Os estudantes de Coimbra dos anos 60 «tiveram uma intervenção efectiva através do canto nos problemas estudantis», salientou António Portugal, no âmbito das jornadas sobre tradições académicas.

António Portugal, membro do grupo de Guitarras de Coimbra e um dos mais conceituados nomes daquela forma de expressão, frisou que «hoje, pelo contrário, ouve-se um canto que não é deste tempo e que nalguns casos nem sequer procura ser-lo».

Colaborador íntimo de José Afonso e Adriano Correia de Oliveira, ligado à composição de temas como «Balada de Outono» e «Trova do Vento que Passa», António Portugal sustentou que cada geração é sujeita do seu próprio destino e questionou se «os estudantes de agora querem intervir através do canto».

«Não posso acreditar que os problemas dos actuais estudantes sejam o amor e a saudade característicos dos anos 20», observou.

Considerou louvável o esforço da juventude no retomar de determinados valores que estiveram em perigo, «mas criando e projectando para o futuro».

Nestas jornadas, promovidas no âmbito da Queima das Fitas, a segunda parte dos trabalhos foi integralmente dedicada à canção de Coimbra, com intervenções, entre outros, de Louza Henriques, António Portugal e José Miguel Baptista.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Org. Estudantil Queima das Fitas

JAN	FEV	MAR	ABR	M	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	---	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----